

Ação Sindical

ESTUDOS - CRITICA - ORIENTAÇÃO

Ano I - N.º 2 - Março de 1958

Diretor responsável: Alexandre C. Pinto

Administrador: Rubens Leite

Redação: Rua Rubino de Oliveira, 85, 1.º andar

Correspondência: C. P. 5739 - São Paulo - Brasil

A exploração do homem pelo homem fornece a base a todo comércio e sua moral, a todas as hierarquias e autoritarismos. A emancipação dos trabalhadores — única parte explorada — acabará com tal base. O sindicalismo, visando essa emancipação, permite deduzir que sua finalidade não se limita aos problemas econômicos. No bojo de seu federalismo aninham-se os germs de um mundo novo. É preciso que todos os idealistas compreendam isto.

O Sindicalismo e os Partidos

Os sindicatos, ao congregarem em seu seio os assalariados do ramo que lhe dá o nome, não perguntam a ninguém que idéias professa, que religião adota ou a qual partido político pertence. Não põem reparo em cores nem nacionalidades. E como sua finalidade é libertar do jugo do salariato todos os seus componentes, é justo que exija de seus associados a qualidade de sindicalistas, única e exclusivamente. Se algum trabalhador achar que sua posição de assalariado é a que lhe convém (devemos admitir o absurdo), então faz mal em associar-se. Ao sindicato só devem vir os que desejam acabar com sua condição de escravos, dando fim ao vil comércio que se faz de seu suor.

É justo que, tendo essa finalidade, mais que reconhecida em todo mundo, exija de seus associados comportamento consequente com ela. No sindicalismo não cabe o diversionismo nem nenhum tipo de experiência política. Ele tem suas próprias armas de luta: as greves parciais e as gerais, o boicote, a sabotagem e as greves revolucionárias em casos extremos.

Se perguntassem a qualquer dos pioneiros do sindicalismo se este pode preencher suas finalidades através da colaboração com os órgãos estatais ou mediante o aconchego com qualquer partido, a resposta seria negativa. Todos eles responderiam que o sindicalismo ou é revolucionário ou não é sindicalismo. O que nos obriga a reconhecer que a atividade político-partidária em seu seio é negativa e atentatória a sua finalidade.

Nos fins do século passado e nas primeiras décadas do corrente, o sindicalismo teve como principais milítrantes os próprios sindicalistas, os anarquistas e os socialistas, e, a partir de 1918, os que adotaram a designação de comunistas. Todos unidos, e sem lhe imporem nenhuma orientação sectária, impuseram a patronato novas condições de trabalho, com menores horários, férias etc. Impuseram até em alguns casos, os contratos coletivos. As modernas leis trabalhistas não são presente de nenhum governante, mas fruto das lutas que os operários conscientes de então mantiveram, lutas árduas por vezes, onde a prisão era a forma mais suave das reações governamentais.

Com o fascismo, pretenderam as classes dominantes conter a marcha emancipadora dos trabalhadores, acabando com seus sindicatos e não lhes permitindo outras reuniões que não fossem as efetuadas sob seu controle nos novos órgãos criados por lei. A guerra, que teve suas causas no delírio dos ditadores, fez compreender à burguesia que os extremos eram perigosos, levando-a a aceitar a existência do sindicalismo como um mal menor, como um processo mais ou menos acelerado de evolução, que terminará fatalmente com o nivelamento das classes e com a extinção do salariato. Nem outra coisa se pode esperar num mundo cada vez mais rico de conhecimentos, com novas descobertas de energia. Não é possível manter meia humanidade na ignorância mais completa enquanto a outra metade aure conhecimentos de toda ordem. Os sábios, os filósofos, os economistas, escrevem livros e artigos, e os operários podem lê-los. A capacidade de assimilação vai aumentando de ano para ano, de geração para geração e, finalmente, todos chegarão à conclusão de que poderão viver felizes e em paz.

Este processo, entretanto, será o mais lento possível, dada a tendência conservadora dos parvos que se julgam superiores e portanto com direito de governar os destinos dos outros. Parvos que resultam perigosos quando se sentem menos «prestigiados» ou reduzido o campo da sua idolatria.

O sindicalismo tem a justa finalidade de acelerar esse processo, desconhecendo todas as boas ou más intenções de todos os que gostam de exibir suas «altas capacidades» no governo da coisa pública, ou seja: de todos os políticos.

O fato, portanto, de este ou aquele partido, ser mais ou menos revolucionário, não pode influir na linha do sindicalismo. E se esse partido, prevalecendo-se da ignorância dos trabalhadores, impuser sua linha partidária aos sindicatos, o único que

consegue é sabotar-lhe a ação, retardando sua marcha emancipadora.

Esta ligeira exposição serve de resposta a todos os que nos criticaram pelo fato de condenarmos o domínio que alguns partidos, notadamente o Partido Comunista, vêm impondo aos sindicatos. Os partidos comunistas de hoje nada têm de comunistas e menos de revolucionários. Em 40 anos de experiência e de domínio, o Partido Bolchevique Russo, crismado logo de comunista, continua tão bolchevique como no dia em que tomou posse dos destinos da grande nação. A centralização é cada vez maior, a liberdade continua restringida, os trabalhadores continuam sendo trabalhadores, com os mesmos encargos que nós suportamos no mundo capitalista. Mas não é o fato de se dizerem comunistas que os torna alvo de nossas críticas. Afinal, podiam chamar-se fenianos ou qualquer outra coisa, porque isso não é proibido. As palavras que definem qualquer idéia não obedecem a mesma lei dos registros de marcas ou de patentes. Para colocá-las no frontispício de qualquer partido é apenas uma questão de escrúpulo. Haja vista aos termos «social» e «trabalhistas», tão em voga... O que desperta nossas críticas e esclarecimentos sobre o caso em particular, é apenas isto: o Partido Comunista congrega em seu seio milhares de trabalhadores que não vislumbram a finalidade do sindicalismo. Julgam eles que só o seu partido, tomando conta do poder, poderá emancipá-los. Os burgueses que dirigem o partido servem-se deles para dominar um bom número de sindicatos, transformando-os em campo de manobras políticas. Se esses trabalhadores se dessem conta de que podem ser sindicalistas e ao mesmo tempo membros do partido, respeitando as características da luta sindical, nada teríamos a objetar. Nos sindicatos há trabalhadores que votam em todos os partidos e alguns que não votam em nenhum. Mas respeitam a linha apolítica do sindicalismo, o que não tem acontecido infelizmente, até agora, com os adeptos do P. C.

E nós, neste órgão, impusemos-na a missão de defender a linha puritana do sindicalismo de divulgá-lo e de concitar os trabalhadores a cerrarem fileiras dentro dos seus órgãos de classe.

No exercício findo, no STIG, a conta de viagens dos diretores alcançou soma grossa. Seria para isso que se cortaram vários benefícios aos associados? Foi para isso também que se aumentou a cotização? Aquéle mesmo líder que papou 19 contos em dez dias de greve, papou mais 18, em 5 dias, numa viagem ao Rio. Os trabalhadores gráficos não devem permitir tais avanços nos seus cofres. Quem defender essa classe de turismo e de rega-bofe é tão culpado como quem a pratica. Estas críticas, entretanto, não terão a virtude de reconduzir ao bom caminho quem tão desviado anda da verdadeira linha sindicalista. Não há dúvidas: É PRECISO MUDAR!

Sobre a nova Lei de Previdência Social

O movimento de cúpula, após os estudos do projeto de lei destinado a regular as pensões e aposentadorias, e atendendo também as recomendações dos senhores ministros, vêm defendendo, sem reparos, com telegramas, palmas e caravanas (as três armas preferidas, que estão marcando uma época) a lei em andamento pelas câmaras.

Aprovada que seja, com remendos ou esburacada, haverá então assunto para cantar mais uma grande vitória, como as que vêm obtendo últimamente... E ao sr. Joãozinho Boa-Vida, o novo grande líder que pretendem impingir-nos, serão canalizadas as maiores honrarias da nova «vitoria». Essa vitória, açucarada com o bonito palavrório de muitos papagaios, mal esconderá o sal-amargo com que virá temperada: 20% sobre os salários; 10%, diretamente dos empregados, e 10% dos empregados, pela mão do patrão...

Sim trabalhadores, estamos até informados de que alguns país da Pátria chegaram à conclusão de que o governo não pode contribuir para os IAPS e que só pode emprestar deles e não pagar; e concluíram também que não é possível manter a grande legião de esforçados diretores, sub-diretores, delegados e sub-delegados, em férias e na ativa, com todos seus acessórios e acessórios, nem aumentar essa legião com os novos pretendentes — trabalhadores-natos (o termo é novo mas está certo) — com os miseráveis 20% propostos e já aceitos pelos líderes. Cogitam, portanto, de elevar as contribuições para 25%!

A nova lei, pois, se vier, talvez venha com esse «pequeno acréscimo». Será apenas o resultado de todos os rapa-pés, de todos os apertos de mão e sorrisos e dos abaixo-assinados que só servem para dar trabalho aos telegrafistas e encher-lhe o sapato... Nós achamos que os atuais 16%, já são uma escorcha tremenda. Que os 20% previstos só se justificam com a improbidade da administração dos institutos. E que a pretendida emenda para 25% não têm mais qualificativo na ordem dos pejorativos.

Só aqui, entre os vários países onde existe legislação de previdência, acontecem estas coisas. E' que, lá, os sindicatos não estão amarrados a nenhum ministério nem os políticos têm a eles acesso. Há organizações de ordem particular que garantem uma velhice tranqüila mediante contribuições que não vão além de 6% do salário médio. E há instituições oficiais, onde as reservas se acumulam e as pensões e aposentadorias são uma realidade, com contribuições de 6% per capita.

Só aqui, no Brasil onde tudo é grande, há tanta fraude e tanta mesquinhez quando se trata da segurança e do bem-estar dos trabalhadores.

Curiosos, no estudo deste problema, deram-se ao trabalho de calcular as contribuições de um operário, em relativas condições de saúde, durante 35 anos. Cálculo sobre os 20% previstos na nova lei e sobre o salário de 6.000 cruzeiros, média atual do trabalhador qualificado. Juros de 6% ao ano, capitalizáveis no mesmo período. Você, leitor, faz idéia? Aqui vai o resultado, para evitar-lhe o cálculo, embora você fique com cálculos biliares e estuporado ao sabê-lo: Cr\$ 1.600.000,00, desprezando os quebrados!

E que recebe o trabalhador, ao fim desse tempo? O seu ordenado, ainda com descontos, que representa menos de 0,4% de juro do capital acumulado. E quando a Parca chegar, ele não deixa nada desse capital para ninguém. Os institutos são herdeiros universais de todos os que nascem para o vil comércio do trabalho. A custa dos humildes, que não sabem impor seus direitos, o comércio da previdência enche o ventre de muitos inescrupulosos, que não se lembram sequer de que seus pantagruélicos banquetes representam o pão roubado à velhice e à invalidez dos que se arruinam no trabalho.

O Impôsto Sindical

JOÃO DA COSTA PIMENTA

O impôsto sindical eis uma das maiores mazelas que infeccionam o nosso sindicalismo. Além de representar dura sanção imposta aos magros salários do trabalhador, já de si escassos para atender às necessidades essenciais da vida em face da crescente desvalorização do cruzeiro, é o instrumento da corrupção que desmoraliza e enfraquece nosso movimento sindical, desperdando a cobiça dos dirigentes inescrupulosos, desenvolvendo a praga peleguista, que viceja como nunca, e cuja extirpação é a primeira condição da liberdade e da autonomia dos sindicatos.

O impôsto sindical é a causa direta da submissão dos organismos sindicais à engrenagem ministerial; e é, em grande parte, devido a ele, que os trabalhadores não puderam, até hoje, repelir a tutela exercida pelos órgãos governamentais, que os mantêm acaudilhados aos seus desígnios políticos, por intermédio de prepostos — velhos pelegos e neo-pelegos — prestimosos instrumentos dessa denominação aberrante, até mesmo da própria Constituição Federal, a qual declara livre a associação sindical, e impossibilita, inclusive, que os trabalhadores cuidem livremente de seus órgãos de classe e por eles lutem, a fim de os tornar poderosos e eficientes na defesa de seus interesses profissionais.

E, para maior irrisão, esse impôsto, iniquamente extorquido ao suor do trabalhador, se dispersa e extravia a meio caminho e, em grande parte, é drenado para o famoso Fundo Sindical, um organismo de finalidades obscuras e indefinidas e que mal encobre atividades escusas e certamente contrárias aos interesses dos trabalhadores. Outra parte substancial da arrecadação desse impôsto destina-se às federações e vagos organismos de cúpula que em regra descumprem com desfaçatez incrível os deveres que lhes incumbem na defesa dos interesses que supostamente representam. À custa desse impôsto é mantida uma custosa burocracia de dirigentes.

Argumenta-se que a extinção do impôsto sindical viria liquidar os serviços assistenciais que os sindicatos prestam aos seus associados. E' outro erro. Na nossa estrutura político-social, essa assistência é tarefa dos institutos e caixas. Os sindicatos devem lutar para que essa assistência, não sendo prestada eficientemente nas sedes dos institutos e caixas, seja efetivamente prestada na própria sede dos sindicatos, custeada pelas instituições de previdência social, sem necessidade de se lançar mão de um recurso tão opressor e corruptor dos meios sindicais, como esse.

A Ação Sindical dos Gráficos, e os outros núcleos em formação, devem incentivar sua luta contra todas as mistificações e vícios que possam afetar a independência do movimento sindical, fazendo dessa luta o ponto de partida para a libertação dos sindicatos.

VIDA LIMPA

Alguém, que só sintoniza com uma «linha», disse que esta fôlha é mantida com dinheiro dos norte-americanos.

Realmente, uns bons milhares de dólares não fariam mal à penúria em que vivemos e com que lutamos. Máxime ao câmbio atual. Mas os magnatas do norte, papais Noel de muita gente de alta alcurnia nas nossas finanças e na nossa política, não baixam nem sequer seus olhos para nós. O que é bom, porque podiam botar mau olhado, atirando a contagem das nossas pobres manolitas...

Mas somos forçados a declarar que o dinheiro com que mantemos «Ação Sindical» provém dos americanos... do sul, que trabalham pesados horários, em oficinas nem sempre higiênicas. E o dinheiro que recebe não vem emporelhado pelo exibicionismo nem obriga a fazer o quintacolonismo de ninguém, mas apenas obra de esclarecimento, o que não é do agrado de muita gente, por este Brasil afora.

Não como resposta a esse inconsciente colega, mas como medida de rotineira satisfação aos nossos amigos, publicamos aqui o balancete do 1.º número de «Ação Sindical».

Importâncias recebidas:

De Domingos Memo, Cr\$ 200,00; de Romeu Mancinelli, 100,00; dos gráficos da Rebizzi (lista), 960,00; dos gráficos da firma Martinelli & Monteiro, 415,00; de uma lista a cargo do companheiro F. Ortega, entre professores, metalúrgicos, comerciários e outros, 1.630,00; de Américo Valillo, 100,00; de Genaro Schiavino, lista entre sapateiros, 600,00; recebido de venda avulsa, arrecadada por vários, 695,00.

Soma Cr\$ 4.700,00.

Despesas:

Pago por 100 fôlhas de papel e 100 envelopes impressos, Cr\$ 100,00; pago pela composição e impressão do 1.º número, Cr\$ 4.000,00.

Soma Cr\$ 4.100,00.

Saldo para o segundo número, Cr\$ 600,00.

O clichê do nosso cabeçalho foi um obséquio dos colegas gráficos da clicheira Planalto. O publicado na 4.ª página foi-nos cedido gentilmente por nosso amigo Edgard Leuenroth.

O Pelego

O Pelego é um produto
Da criação do varguismo.
Do ventre do trabalhismo
Saiu o líder astuto
Que arrecada em bruto
Os proventos sindicais.
Nos "desvios" ilegais,
De todos os exercícios,
Está o pão de seus vícios,
Que cada dia são mais.

O Pelego teme a luta,
A carranca do patrão,
E do ministro, o "sabão"
Que, todo contrito, escuta.
Só se desvela e matuta
Pra encher o embornal.
Tôda greve lhe faz mal
E, para viver contente,
Gordinho e reluzente,
Quê quer a paz social...

Bancando sempre o sabido,
Com espinha genuflexa
E ladainha convexa,
Que serve a qualquer partido,
Afirma estar imbuído
Da mais santa intenção.
— Mas, trabalhador irmão,
O pelego é um vigarista
Que deve fazer a pista
Na primeira ocasião...

B. X.

Avulso: Cr\$ 2

Assinatura anual Cr\$ 50,00

A FESTA DA PELEGADA

A mistificação segue por seus caminhos naturais. O 1.º de Maio, marco de uma tragédia sem precedentes em que a malvez das classes dominantes levou à morte cinco trabalhadores, não podia escapar a ela.

A verdade vara os tempos e não há ardis nem violências que consigam escondê-la por muito tempo. Os povos rendem então homenagem aos vilipendiados, às vítimas da mentira e da truculência. Com os Mártires de Chicago aconteceu isso. Reabilitados depois de mortos, suas vozes continuaram, como um eco perpetuo da verdade, a despertar a consciência dos trabalhadores de todo mundo. O capitalismo ladravaz, aproveitando a noite escura que estendeu sobre a terra com suas ditaduras, tentou apagar na lembrança dos trabalhadores o significado da data. Por seus órgãos de tapeação, tipo seisis, passou a festejá-la. A mistificação, dado o longo silêncio que as ditaduras impuseram, vingou em parte. Muito trabalhadores de hoje não sabem que, há 72 anos, nessa data, tinham início as primeiras grandes lutas pela conquista do horário de 8 horas, luta que levou à força os operários mais esclarecidos de Chicago, após um processo monstruoso. E não sabem também que, a partir de então, os trabalhadores passaram a comemorar a data como um dia de protesto contra todos os crimes das classes dominantes e como um dia de afirmação de direitos.

Isto também é desconhecido de uma boa parte dos atuais dirigentes dos sindicatos; mas outra parte, a mais sabida, não desconhece os fatos que originaram a comemoração. Entretanto, com cinismo revoltante, acompanham a mistificação iniciada pelo capitalismo.

E aí estão eles, programando festejos, de braços dados com todos os inimigos reais, com todos os ladrões do suor alheio. As festas do SESI,

E' PRECISO MUDAR!

Os pelegos sujeitam-se a tudo com tal de conservarem seus cargos. Sanguessugas dos cofres sindicais, amolecem ainda a ação dos trabalhadores, impondo-lhes a orientação encomendada por seus mentores, os políticos que medram sob todas as lendas. Os pelegos enferrujam todas as boas intenções. Os trabalhadores, como ponto de partida para suas lutas, têm de limpar primeiro seus sindicatos desses parasitas. Realmente, **E' PRECISO MUDAR!**

Quando alguns gráficos mais esclarecidos se opuseram à linha política dos atuais diretores, a ordem foi para que esses colegas fossem «isolados». Um deles chegou mesmo a ser ofendido numa reunião e teve de retirar-se sob forte abalo nervoso. Este companheiro, um gráfico em atividade, não voltou mais, como antes, a participar das atividades na sede do STIG. Quem o ofendeu, afastado há anos das atividades do ramo, é gráfico apenas pela condescendência de uma assembleia. Respeitamos essa resolução, mas achamos que esse companheiro, que ainda prezamos um pouco, deve medir situações e posições e não provocar o afastamento de antigos sócios com seus destemeros. Os «isolados», entretanto, agradecem a situação que lhes foi criada e que redundou em fecunda atividade. A prová-lo, está este órgão, forte arieta a marretar sua intolerância e a derrubar o mito da infalibilidade dos que se adoram a si mesmos. Não de reconhecer agora, talvez um pouco tarde, que os homens ativos, os que consideram os sindicatos como um prolongamento de si mesmos, não abandonam a luta assim tão facilmente. Antes ao contrário, os obstáculos e as reações, venham de onde vierem, servem-lhes de estímulo. E' por isto que lhes agradecemos. E que nos perdõem se os aconselhamos a que reconheçam que, de fato, **E' PRECISO MUDAR!**

O Próximo 1.º de Maio

Organizam-se manifestações cívicas e festividades várias para lembrar essa data proletária que, no calendário brasileiro, figura como um feriado igual aos demais.

Entretanto, bem diversa é a significação do 1.º de Maio, pois os acontecimentos que lhe deram origem não justificam de maneira alguma o caráter festivo que se lhe quer emprestar. Ao contrário de uma festa, é uma data simbólica das aspirações da classe trabalhadora, uma comemoração afirmativa da vontade e decisão do proletariado de reivindicar os seus direitos espesinhados.

A origem da comemoração do 1.º de Maio tem uma longa, sangrenta e dolorosa história, que se inicia por volta de 1832, quando, nos Estados Unidos, se verificou o primeiro movimento organizado para ser conseguida a regulamentação do horário de trabalho, tendente a estabelecer a jornada de 8 horas.

Durante o longo período que vai dessa data até 1886, o proletariado norte-americano manteve-se em agitação, promovendo greves de corporações e generalizadas, culminando esse movimento em uma greve geral marcada para o 1.º de Maio desse ano, que teve grandes proporções em todo o país, cooperando com os trabalhadores a Liga das 8 Horas, a Liga dos Cavaleiros do Trabalho e a seção norte-americana da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Os dominadores da época, impressionados com a decisão dos trabalhadores iniciaram seu ataque contra esse movimento reivindicador. E a reação de desencadeou furiosamente, verificando-se toda sorte de violências. Não obstante isso, apesar de todas as brutalidades de que foram vítimas, os operários persistiram na luta dispostos a manter a sua reivindicação.

A ação contra os trabalhadores assumiu, então, feição ainda mais violenta, metralhando-se as multidões e enchendo-se as prisões dos elementos proletários que mais se destacaram pela sua atividade e pela dedicação à causa de sua classe. Dentre os militantes obreiros vítimas dessas perseguições atroz, oito se destacaram e contra eles se atiraram os seus perseguidores. Cinco deles foram condenados à força, dois à prisão perpetua e um a 15 anos de prisão. Na história do martirólogo do proletariado, figuram eles com a designação de «Mártires de Chicago».

Acusados infundadamente, conforme se demonstrou depois, de terem praticado um atentado contra a força policial num comício, tiveram um julgamento que ficou famoso nos anais do juri norte-americano.

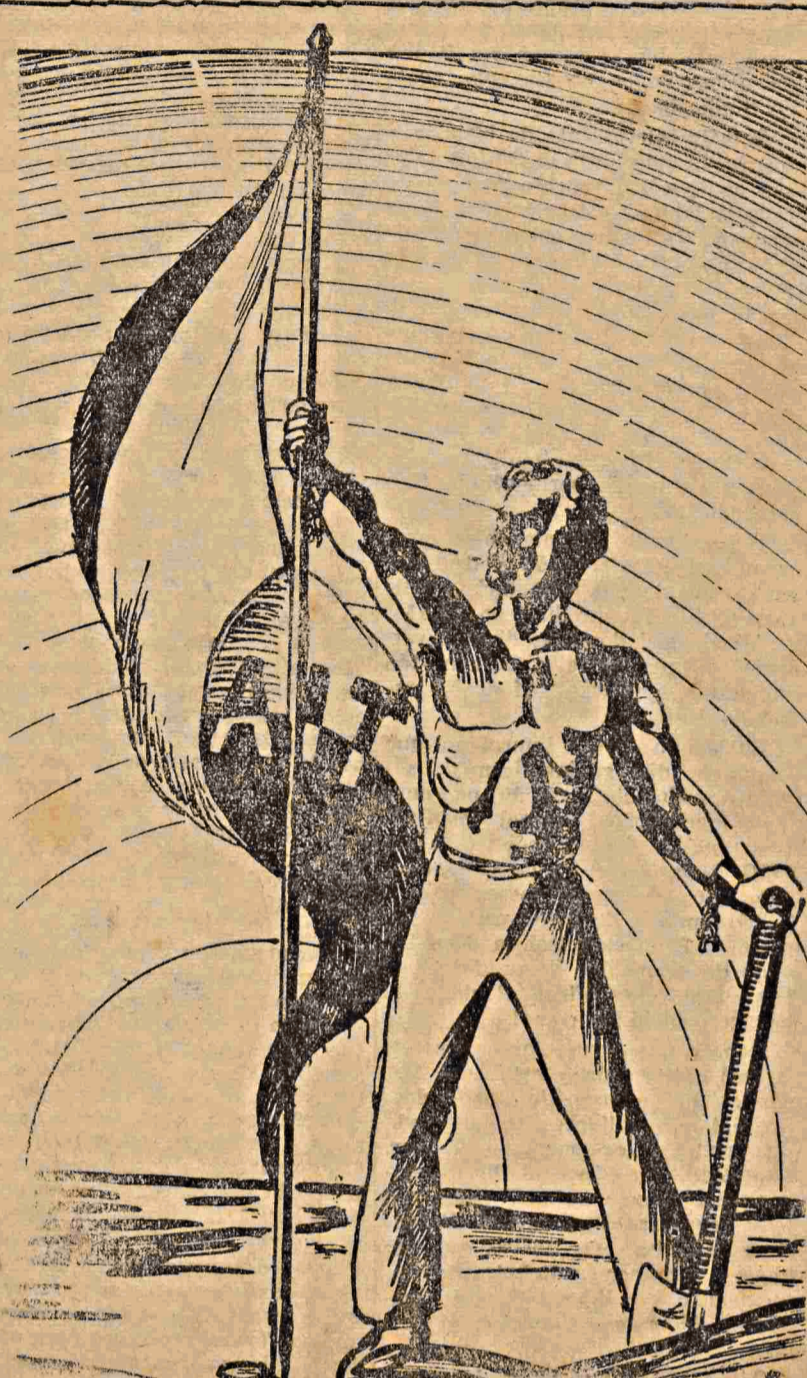
De acusados que eram passaram a acusadores, proferindo impressionantes discursos, defendendo a causa dos trabalhadores e acusando os seus exploradores.

Foram os seguintes, quase todos de filiação anarquista, as vítimas de um dos maiores crimes sociais da história: Augusto Spies, Adolfo Fischer, Jorge Engel, Alberto Parson, Luis Ling, Samuel Fielden, Miguel Schwab e Oscar W. Neeb. Um deles apresentou-se ao tribunal, para ser julgado com seus companheiros.

Dos cinco primeiros condenados à força, quatro foram executados e o quinto fez explodir uma cápsula de fulminato de mercúrio na boca, para não entregar o pescoço ao carrasco. A cápsula foi-lhe levada, a seu pedido, por pessoa de sua família.

Ainda no patíbulo, já com a corda no pescoço, continuaram a proclamar os direitos da classe trabalhadora. A força estrangulou a vida desses mártires do proletariado no dia 11 de novembro de 1887.

Sete anos mais tarde, o governador do Estado de Illinois, onde a tra-



Era esta a bandeira que defendiam os Mártires de Chicago, a da velha Associação Internacional dos Trabalhadores, que lançou ao mundo a sua máxima: "A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores" — e não de chefes nem de representantes nas câmaras da burguesia.

gédia se verificou, mandou proceder à revisão do processo, concluindo-se pela indiscutível inocência dos acusados. Os que se encontravam presos foram postos em liberdade, mas a sentença absolutória já não podia restituir a vida aos que haviam sido enforcados por terem defendido a causa dos trabalhadores.

Essa é, em largos traços a história da mais pungente tragédia social.

Foi para protestar contra todas as injustiças de que é vítima a classe proletária e proclamar o seu direito e uma vida feliz a que, com seu esforço faz jus, que, a partir da tragédia de Chicago, o 1.º de Maio vem sendo comemorado em todas as partes do mundo, pela classe trabalhadora.

Assim se resolveu em dois congressos internacionais realizados em Paris logo após aquele crime do capitalismo. Assim se decidiu em todos os países, inclusive o Brasil, nos congressos realizados em 1906, 1913 e 1920 pela Confederação Operária de São Paulo no período de 1906 a 1935. O proletariado organizado serviu-se dessa data para afirmar os seus direitos e seu propósito de lutar para os reivindicar.

E com esse caráter tem sido comemorado o 1.º de Maio, nem sempre pacificamente, pois os reacionários muitas vezes procuram perturbá-lo com violências e perseguições, impedindo essa manifestação proletária. É sua finalidade.

Quantas vezes as prisões não se encheram em consequência dessa comemoração, verificando-se as invasões domiciliares, as brutalidades corporais, as deportações para regiões inospitas e para o estrangeiro.

Enquanto os tubarões das finanças, das indústrias e da burocracia acumulam fortunas colossais de toda espécie explorando a situação tormentosa do momento, o povo vê a miséria rondar-lhe a porta, em consequência do encarceramento incrível do custo de vida.

Tem cabimento pois, trabalhadores, participar de festas no dia 1.º de Maio? Não é possível!

Deram caráter festivo a essa data, sendo organizadores ou participantes dos festejos os próprios exploradores do povo, com o fim de mistificar o operariado, desviando-os de seus movimentos reivindicadores.

TRABALHADORES!

Sejamos dignos do sacrifício dos que lutaram e sucumbiram pela nossa causa, não conspurcando a sua memória.

Cerremos fileiras em nossos sindicatos, libertando-os do peleguismo, pondo fora os politiqueros que néles se envolvem para satisfazer suas ambições, tornando-os os centros de educação moral e social, porque esta pedindo essa manifestação proletária. É sua finalidade.

Os gráficos que reconhecem a necessidade de renovar o ambiente no seu Sindicato, devem unir seus esforços aos de seus colegas da Ação Sindical dos Gráficos e votar na chapa de oposição por ela recomendada. Nas próximas eleições está a única oportunidade da classe impor sua vontade. Todos devem tomar posição!

E' PRECISO MUDAR!